



CONGRESSO INTERNAZIONALE
COSTELLAZIONI EDUCATIVE - UN PATTO CON IL FUTURO
NEL 60° ANNIVERSARIO DELLA DICHIARAZIONE CONCILIARE
GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

30/10/2025 - Auditorium Conciliazione, Roma

INTERNATIONAL CONGRESS
EDUCATIONAL CONSTELLATIONS - A PACT WITH THE FUTURE
IN THE 60TH ANNIVERSARY OF THE COUNCIL DECLARATION
GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

Jorge Luis Nicolas Audy

Professore ordinario presso la Scuola Politecnica della Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasile)

Full Professor at the Polytechnic School of the Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brazil)

A Educação Superior em um contexto de mudança cultural

No curso da história, nenhuma outra instituição preservou, compartilhou e avançou tanto o conhecimento da humanidade como a Universidade. Ao longo dos séculos, sempre prestou enormes contribuições ao crescimento da sociedade onde estava inserida. A universidade nasce no seio da Igreja de forma quase espontânea. Seus primórdios, por exemplo, remontam a uma época em que a religião dominava todas as esferas das relações sociais. Com uma tradição milenar, como o próprio nome expressa *universitas*, quer dar a entender a convergência de elementos à unidade, quer dizer, a reunião dos estudiosos, intelectuais do saber.

Desde seu surgimento no século XI, em Bolonha, a Universidade atua no processo de transmissão do conhecimento humano, por meio do ensino. No século XV, a universidade se transforma em centro de formação profissional a serviço do Estado. Durante o século XVIII a educação superior era vista como um processo formador das elites de poder e dos funcionários dos Estados nacionais nascentes. No século XIX emerge a geração de novos conhecimentos, a pesquisa científica e tecnológica. A partir da segunda metade do século XX, na chamada revolução da tecnociência, atribui-se novas funções econômicas à educação com as conhecidas teorias do capital humano e a inovação.

As Universidades se encontram com uma série de tensões e futuros possíveis. Existe uma combinação de forças e processos, provenientes de diversos âmbitos que estão impactando a dinâmica universitária. Entre elas as (a) as Novas Tecnologias e a Inovação e (b) o complexo processo de globalização.

As Novas Tecnologias, desde sempre foram transformadoras da forma de vida do homem na terra, desde o domínio do fogo há 7 mil anos e invenção da roda a 3,5 mil anos, passando pela invenção do alfabeto pelos fenícios no Levante (Mesopotâmia) no século XV AC, a imprensa de Gutemberg no século XV, o tear e a máquina a vapor na Inglaterra no século XVIII, até o computador e a energia nuclear no final da primeira metade do século XX nos Estados Unidos, chegando nas redes de computadores e na Internet na segunda metade do século XX e culminando neste século XXI com a emergência da Inteligência Artificial. Todos estes exemplos são tecnologias que transformaram o mundo. Mas, a partir do século XX, o desenvolvimento tecnológico passa a estar associado com o avanço científico desenvolvido nas Universidades e está passa a ser o fator chave de geração de riqueza no mundo, envolvendo a Inovação e os mecanismos de transformação da ciência (ou conhecimento) em valor para a sociedade. Este mundo baseado fortemente na evolução tecnológico está em pleno processo de desenvolvimento e em transformação exponencial, em velocidade incidência na vida das pessoas, na sociedade e no mundo do trabalho em escala sem precedentes na história humana.

A Globalização, desde diversos ângulos, e não somente o econômico, ameaça e desafia os sistemas nacionais de educação superior, desencadeando um processo de mercantilização que afeta e distorce a maioria das instituições superiores, tanto em seus fins

e propósitos como em sua oferta educativa e forma de operação. A globalização trouxe consigo uma mutação civilizacional. Não se trata de mudança pura e simples, mas mutação. Suas gênesis são fruto das diversas revoluções nas diversas áreas do saber pelas quais a humanidade passou nas últimas décadas: revolução da tecnociência; revolução da informação; revolução biogenética; a mudança da relação capital trabalho. Esse novo mundo não está pronto, está em construção.

Aqui se coloca a urgência de uma nova orientação educativa e pedagógica capaz de dar alma à globalização e às novas tecnologias, um rosto mais humano. Neste sentido, o futuro das universidades jogará na sua capacidade em dar a resposta adequada a uma sociedade heterogênea e exigente na formação de seus cidadãos, que, por sua vez, reclamam um sistema universitário de qualidade, bem como o direito a igualdade de oportunidades. E ainda, o futuro das universidades dependerá da sua opção em não abandonar uma de suas missões substanciais, qual seja, aquela de ser a arena onde se desenvolve culturalmente uma nação, incluindo na formação de sua juventude valores e diretrizes éticas.

O início do século XXI trouxe consigo a reiteração de uma velha aspiração: a de que os complexos problemas econômicos, políticos e culturais das sociedades contemporâneas podem ser resolvidos através da educação, e de modo especial pelas instituições de educação superior. Por outro lado, talvez esta aspiração seja um dos grandes paradoxos do mundo contemporâneo e consista justamente em que, nos tempos da globalização ou da internacionalização de quase todas as coisas, a educação permaneça como a última utopia, certeza ou projeto para a reforma cultural, ética e cívica das sociedades. Precisamos urgentemente a educação entre todos, e esta discussão deve ser verdadeiramente mundial. Nesta discussão não é possível separar o conhecimento, a ética, o papel moralizador de qualquer sistema educativo e a política.

A Universidade: do ensino à pesquisa e à inovação

Ao longo do tempo as Universidades evoluíram de pequenos colégios de orientação religiosa, com foco na filosofia e na teologia, para um leque mais amplo de ofertas de formação, visando atender demandas por capacitações profissionais cada vez mais específicas, e responder às necessidades de uma sociedade e economia mundial em constante desenvolvimento. Da mesma forma, a missão da Universidade foi agregando novos propósitos, do ensino para a pesquisa que se expandem em uma atuação direta na sociedade pela extensão e, finalmente, no processo de desenvolvimento socioeconômico, pela inovação.

Alguns marcos são muito importantes nessas transições: o século XI, com o surgimento da Universidade no ocidente (Itália e França); o século XIX, com a emergência da pesquisa (Inglaterra e Alemanha); e o século XX, no pós-guerra, com nova mudança radical no papel da Universidade: quebra-se a imagem da torre de marfim, distante da sociedade, para que a Universidade se torne protagonista do processo de desenvolvimento social e econômico, inserindo-se em uma ampla e complexa rede de relações com outras

instituições e atores sociais. Em pleno século XXI, soberania e autonomia nacional são sinônimo de domínio da ciência, da tecnologia e da inovação. E a Universidade é o *locus* onde isso acontece.

As Universidades, especialmente na região latino-americana, lidam com enormes tensões. Ao mesmo tempo que visam alcançar metas e ideais humanistas, lutam para existir, sobreviver e se manter úteis em um mundo prático e complexo. Quando a Universidade é chamada a se aproximar da sociedade, saindo da torre de marfim, essas tensões aumentam. Os desafios se tornam muito maiores para a comunidade acadêmica, tanto para os docentes e pesquisadores, como para os estudantes, técnicos-administrativos e claramente para os gestores acadêmicos. E, na região da América Latina, é essencial que a Universidade se mantenha socialmente referenciada, o que tem impacto em todas as dimensões de sua atuação.

Um dos maiores desafios das Universidades hoje envolve a questão da inovação e a contribuição ao desenvolvimento social e econômico sustentável, o que significa ampliar as condições para promover a inovação e realizar uma aproximação sistemática aos setores produtivos não acadêmicos. Isto requer Instituições que gerem conhecimento por meio da pesquisa e que transfiram esse conhecimento para a sociedade, em especial para as organizações e empresas públicas ou privadas, mas também para os governos e outros segmentos. A criação de um ambiente propício para que isso ocorra envolve forte papel do governo, por exemplo na legislação, criando e estabilizando um marco regulatório que permita que o processo de translação dos resultados da pesquisa para as empresas ocorra, possibilitando a inovação. Em especial para as Instituições públicas, o marco legal é fator fundamental para que a transferência do conhecimento ocorra e gere inovação nos vários setores.

As Universidades passaram por duas grandes mudanças desde a sua criação no século XI na Europa (Universidade de Bolonha), que era centrada na transmissão de conhecimentos dos professores para os alunos, com sua missão focada no ensino. A primeira mudança significativa com relação à sua missão ocorre no século XIX, em especial na Alemanha, agregando a pesquisa como a segunda missão da Universidade, além do ensino, sua primeira missão, enquanto também emerge a extensão como desdobramento do ensino e pesquisa. A segunda mudança significativa na missão das Universidades teve início na segunda metade do século XX. A partir de experiências em Universidades como MIT, Stanford e Harvard, surge uma terceira missão, da Inovação, voltada ao protagonismo no desenvolvimento social, econômico e ambiental da sociedade.

Esta nova missão aproxima a Universidade de outras demandas da sociedade onde está inserida e posiciona a academia como um importante vetor do desenvolvimento social, econômico e ambiental. Desde então, a academia tem convivido com as tensões geradas pelo novo ambiente, envolvendo a sua missão de ensino (primeira missão), pesquisa (segunda missão, fruto da primeira revolução) e Inovação (terceira missão, fruto da segunda revolução).

Uma Educação baseada em valores

A educação se faz sempre na relação de pessoas. Por isso a importância do diálogo – da participação – e de uma grande solidariedade humana. Na sua busca *humanista*, por meio do legado da centralidade da pessoa e da sua formação; *Dimensão comunitária*, por meio da sinergia das diversas forças e atuações, das diversas áreas do saber que constitui a Universidade; acentuando nesta última as dimensões de *responsabilidade, solidariedade e competência profissional*. *A Universidade precisa ser o lugar onde se ventilam questões fundamentais que tocam a pessoa e a comunidade*. Neste sentido, a cultura universitária deve estar baseada numa concepção integral do ser humano: esta concepção implica que todo ser humano seja considerado o fundamento, o fim e o objeto de todas instituições nas quais se exprime e se realiza a vida social. Manter contato com a realidade humana: a universidade é convidada a evitar dois extremos: limitar-se a um trabalho cultural abstrato e puramente acadêmico e deixar-se absorver por problemas do momento que lhe fariam perder a visão de conjunto do processo histórico, a perspectiva que torna possível uma compreensão mais ampla da racionalidade das forças da natureza e a relação da ordem social com a ordem ética e com os valores do espírito.

As universidades devem estar atentas para manter, ou ainda, recuperar a sua contribuição civilizatória desde a produção de conhecimento. Trata-se de impulsionar estratégias de reforma desde a plataforma do conhecimento e a educação, onde as universidades possuem um rol fundamental, embora cada vez menos exclusivo. A universidade não pretende simplesmente a produção de profissionais, senão a formação integral de homens e mulheres que sejam capazes de desenvolver suas respectivas atividades profissionais dentro de parâmetros de autêntica excelência humana. A velocidade com que as novas tecnologias se tornam obsoletas impõe a realização de ações de qualificação e capacitação profissional com um forte componente de interdisciplinaridade na formação.

A universidade é um espaço de produção e de incremento do saber humano, de percepção e leitura crítica, de análise, discussão, interpretação e avaliação. É um espaço de articulação do saber com a vida em nível individual e social, regional e universal. É um espaço de transmissão orgânica e pedagógica do saber e de enriquecimento do patrimônio cultural humano. Portanto, preparação profissional, formação científica, procura e transmissão da verdade. Não esquecendo, porém, a importância da gratuidade do convívio humano, por meio do cultivo de relações humanas de qualidade.

Para além da formação profissional, a Universidade deve formar cidadãos íntegros, que compartilhem valores globais (amor, compaixão, solidariedade, responsabilidade ambiental e social), em um mundo em constante transformação.

Uma reflexão sobre o tema

Assim, cabe a Universidade assumir em plenitude as funções inerentes à gestão do conhecimento: a geração, o armazenamento e a sua disponibilidade e transferência. Para

que o pensamento e o conhecimento sobre uma nova institucionalidade se convertam em ação, o mundo das universidades necessita de alianças e de colaboração com diversas instâncias e atores. Deste modo podemos continuar com a aspiração de fazer incidir o mundo da educação superior num projeto global de desenvolvimento humano durável ou bem de conceber as universidades como vetores centrais de interconexão do espaço global. É necessário sustentar o caráter de *bem público* das Universidades, como destaca a Unesco em sua “Declaração mundial sobre a educação superior no século XXI” e outros documentos do mesmo organismo.

Numa época de globalização, em que da conectividade das nações resulta a brusca mudança de rumos, de políticas públicas e de cenários econômicos, faz-se indispensável entender o papel do desenvolvimento local, sempre realizado com as características de sustentabilidade, exigidas pela sociedade do conhecimento.

No que diz respeito às Universidades Católicas neste contexto, espera-se o diálogo com as culturas, sobretudo de nosso tempo. Este, por sua vez, nada mais é do que o produzido pelo e para o ser humano. Portanto, enquanto Católica, a Universidade assume sua identidade, expressando sua inspiração cristã, não apenas de seus dirigentes, mas das orientações que assume diante da comunidade como um todo. Demanda um empenho institucional ao serviço da e na sociedade e consequentemente sua compreensão da vida.

A Conferência Mundial sobre o Ensino Superior recorda que a missão das instituições do Ensino Superior é de educar, formar e realizar pesquisas e de forma particular contribuir para o desenvolvimento sustentável e o melhoramento da sociedade como um todo. Espera-se promover, gerar e difundir conhecimento por meio da pesquisa e, como parte de sua atividade de extensão à comunidade, oferecer assessorias relevantes para ajudar as sociedades em seu desenvolvimento cultural, ambiental, social e econômico, promovendo e desenvolvendo a pesquisa científica e tecnológica, assim como os estudos acadêmicos nas ciências sociais e humanas e a atividade curativa nas artes.

A relevância da educação superior deve ser avaliada em termos do ajuste entre o que a sociedade espera das instituições e o que elas realizam. Isto requer padrões éticos, imparcialidade política, capacidade crítica e, ao mesmo tempo, articulação melhor com os problemas da sociedade e do mundo do trabalho, com base em orientações, objetivos e necessidades sociais, incluindo o respeito às culturas e à proteção do meio ambiente. A educação superior deve reforçar o seu papel de serviços extensivo à sociedade, especialmente as atividades voltadas para a eliminação da pobreza, intolerância, violência, analfabetismo, fome, deterioração do meio ambiente e enfermidades, principalmente por meio de uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar para análise dos problemas e questões levantadas.

Finalmente, a educação superior deve almejar a criação de uma nova sociedade não-violenta e não-opressiva, constituindo-se de indivíduos altamente motivados e íntegros, inspirados pelo amor à humanidade e guiados pela sabedoria e o bom senso. Neste sentido, as Universidades Católicas, com sua trajetória milenar como *perita* em *humanidade*, no dizer do Papa Paulo VI torna-se a interlocutora por excelência, assumindo um papel relevante no diálogo com as demais Instituições que integram a grande teia social que chamamos sociedade.

O encontro entre a proposta do Evangelho e a pluralidade do saber expresso na imensidade dos campos do conhecimento, que se multiplicam com o avanço das descobertas científicas e tecnológicas, exige o desafio de superar as relações egoístas do econômico para o compromisso com a dimensão moral de uma vida digna e plena, existente em todos os âmbitos do planeta, na construção de um mundo melhor.

A Educação Integral da pessoa humana implica em educar levando-se em consideração as dimensões física, afetiva, cognitiva, comunitária, ético-valorativa e transcendental. Neste sentido a educação vem entendida como um processo de humanização que modifique inteiramente o ser humano; uma educação que abranja o homem em todas as suas dimensões. Não somente a intelectual, mas também, o ético e a formação da personalidade. Não somente o indivíduo, fechado sobre si mesmo, mas a pessoa, que dentro de uma antropologia cristã é alguém aberta ao mundo, ao outro, a si mesma e ao transcendente. Sob essa perspectiva, temos uma universidade voltada para a educação do espírito, para uma reflexão sobre o sujeito, o ser humano aberto à realidade e interpelado pela alteridade. Na universidade católica, a educação integral une o saber prático ao filosófico, buscando a excelência acadêmica através de uma reflexão crítica e atuação transformadora no campo social. Falamos de um saber engajado. Os pressupostos de uma Educação Integral estão alicerçados na existência de verdades universais, partem dos fundamentos de um humanismo social-cristão.

Concluindo

Educar implica numa atitude de escuta para escutar o clamor que vem do outro. Apontar ao aluno o caminho que ele deve seguir. Reconduzir os Desafios: estimular o aluno a um idealismo superior, superando os próprios desafios e procurar formar para uma cidadania consciente, alicerçada em valores globais, semeando no coração de jovens o amor ao saber, à solidariedade e a esperança.

Em um mundo onde a complexidade é crescente e a velocidade das mudanças é exponencial, as Universidades que vencerão os desafios serão aquelas que reconhecerão e honrarão suas forças, respeitando seus valores, enquanto inovarão com convicção. A tradição mais importante a ser construída hoje nas instituições é a da mudança, mantendo sintonia e atenção às novas demandas da sociedade, da qual a Universidade é parte, respeitando os valores, a missão e a visão de futuro da Instituição.

Tradicionalmente as Universidades têm uma história de cooperação e atuação em rede, fruto da consciência de que conhecimento realmente relevante e disruptivo não se produz isoladamente. Isto gerou uma cultura de trabalho entre pares, nacional e internacionalmente. Mas, hoje, necessitamos novos mecanismos e instrumentos transnacionais, gerados com autonomia por organizações multilaterais. Que respeitem as realidades regionais, que estimulem e induzam a colaboração, sempre a serviço do desenvolvimento ambientalmente sustentável, simultaneamente nas dimensões sociais e econômicas, de toda a humanidade.

Como destacado na última Conferência Mundial de Educação Superior da UNESCO, realizada em Barcelona em 2022, uma das mais perigosas tendências das últimas décadas é de que existe um único modelo de Universidade que deve ser copiado por todos. Cada Universidade deve desenvolver seu próprio modelo, baseado na sua trajetória e missão. Modelos padrão induzidos por rankings acadêmicos ou entidades globais não são adequados ou desejados em um mundo multicêntrico e diverso.

Neste sentido, as Universidades devem atuar como ecossistemas de inovação e de cidadania conectando pessoas, respeitando suas tradições e valores, balanceando o local e o global. Este balanço entre a tradição (representada pelos valores institucionais e acadêmicos) e a renovação (representada pelas novas oportunidades e demandas da sociedade) é o diferencial que as melhores Universidades do futuro estão construindo hoje.

Concluindo, nossas Instituições de Educação Superior devem colocar sua tradição e qualidade à serviço da renovação necessária para atender ao cumprimento de sua missão. Isto deve ser feito de forma coerente com seus princípios e valores (missão, visão, marco referencial), envolve a busca constante de uma nova educação para uma nova sociedade, em sintonia com o nosso tempo. E devemos fazer isso **JUNTOS**, enquanto comunidade!

Istruzione superiore in un contesto di cambiamento culturale

Nel corso della storia, nessuna altra istituzione ha preservato, condiviso e fatto progredire tanto la conoscenza dell'umanità come l'Università. Nel corso dei secoli, ha sempre apportato enormi contributi alla crescita della società in cui era inserita. L'università nasce in seno alla Chiesa quasi spontaneamente. I suoi primordi, ad esempio, risalgono a un'epoca in cui la religione dominava tutte le sfere delle relazioni sociali. Con una tradizione millenaria, il suo stesso nome (*universitas*) esprime il concetto di "totalità": indica la convergenza di elementi diversi (gli studiosi, gli intellettuali del sapere) verso un'unica unità.

Fin dalla sua nascita nell'XI secolo, a Bologna, l'Università opera nel processo di trasmissione delle conoscenze umane attraverso l'insegnamento. Nel XV secolo, l'università si trasforma in centro di formazione professionale al servizio dello Stato. Durante il XVIII secolo l'istruzione superiore era vista come un processo formativo delle élite di potere e dei funzionari dei nascenti stati nazionali. Nel XIX secolo si affermano la generazione di nuove conoscenze e la ricerca scientifica e tecnologica. A partire dalla seconda metà del XX secolo, nella cosiddetta rivoluzione della tecnoscienza, vengono assegnate nuove funzioni economiche all'istruzione con le note teorie del capitale umano e dell'innovazione.

Le università si trovano di fronte a una serie di tensioni e futuri possibili. C'è una combinazione di forze e processi, provenienti da diversi ambiti, che sta influenzando la dinamica universitaria. Tra queste si trovano (a) le Nuove Tecnologie e l'Innovazione e (b) il complesso processo di globalizzazione.

Le Nuove Tecnologie sono sempre state trasformatrici del modo di vita dell'uomo sulla terra, dal dominio del fuoco 7 mila anni fa e l'invenzione della ruota 3,5 mila anni fa, passando per l'invenzione dell'alfabeto da parte dei fenici nel Levante (Mesopotamia) nel XV secolo a.C., la stampa di Gutenberg nel XV secolo, il telaio e la macchina a vapore in Inghilterra nel XVIII secolo, fino al computer e all'energia nucleare alla fine della prima metà del XX secolo negli Stati Uniti, arrivando alle reti di computer e a Internet nella seconda metà del XX secolo e culminando in questo XXI secolo con l'emergenza dell'Intelligenza Artificiale. Tutti questi esempi sono tecnologie che hanno trasformato il mondo. Ma, a partire dal XX secolo, lo sviluppo tecnologico passa ad essere associato all'avanzamento scientifico sviluppato nelle Università e sta diventando il fattore chiave di generazione di ricchezza nel mondo, coinvolgendo l'Innovazione e i meccanismi di trasformazione della scienza (o conoscenza) in valore per la società. Questo mondo basato fortemente sull'evoluzione tecnologica è in pieno processo di sviluppo e in trasformazione esponenziale, con una velocità e un'incidenza sulla vita delle persone, nella società e nel mondo del lavoro a una scala senza precedenti nella storia umana.

La globalizzazione, da diverse angolazioni, e non solo quella economica, minaccia e sfida i sistemi nazionali di istruzione superiore, scatenando un processo di mercificazione che colpisce e distorce la maggior parte delle istituzioni superiori, sia nei suoi scopi e

finalità, sia nella sua offerta formativa e modo di operare . La globalizzazione ha portato con sé una mutazione della civiltà. Non si tratta di un puro e semplice cambiamento, ma di una mutazione . La sua genesi è frutto delle diverse rivoluzioni nei vari ambiti del sapere che l'umanità ha attraversato negli ultimi decenni: rivoluzione della tecnoscienza ; rivoluzione dell'informazione; rivoluzione biogenetica; il cambiamento del rapporto capitale-lavoro . Questo nuovo mondo non è pronto, è in costruzione.

Qui si colloca l'urgenza di un nuovo orientamento educativo e pedagogico capace di dare un'anima alla globalizzazione e alle nuove tecnologie, un volto più umano . In questo senso, il futuro delle università si giocherà sulla loro capacità di dare la risposta adeguata a una società eterogenea ed esigente nella formazione dei suoi cittadini, che a loro volta reclamano un sistema universitario di qualità, così come il diritto alla parità di opportunità . Inoltre, il futuro delle università dipenderà dalla loro scelta di non abbandonare una delle loro missioni sostanziali, che è quella di essere lo scenario in cui si sviluppa culturalmente una nazione, includendo nella formazione della sua gioventù valori e direttrici etiche .

L'inizio del XXI secolo ha portato con sé la reiterazione di una vecchia aspirazione: quella che i complessi problemi economici, politici e culturali delle società contemporanee possano essere risolti attraverso l'educazione, e in modo speciale dalle istituzioni di istruzione superiore. D'altra parte, forse questa aspirazione è uno dei grandi paradossi del mondo contemporaneo e consiste precisamente nel fatto che, ai tempi della globalizzazione o dell'internazionalizzazione di quasi tutte le cose, l'educazione rimanga come l'ultima utopia, certezza o progetto per la riforma culturale, etica e civica delle società. Abbiamo urgentemente bisogno dell'educazione tra tutti, e questa discussione deve essere veramente mondiale. In questa discussione non è possibile separare la conoscenza, l'etica, il ruolo morale di qualsiasi sistema educativo e la politica

Università: dall'insegnamento alla ricerca e all'innovazione

Nel corso del tempo le Università si sono evolute da piccoli collegi di orientamento religioso, focalizzati sulla filosofia e la teologia, a un ventaglio più ampio di offerte formative, con l'obiettivo di soddisfare richieste di formazione professionale sempre più specifiche e rispondere alle necessità di una società ed economia mondiale in costante sviluppo . Allo stesso modo, la missione dell'Università ha progressivamente aggiunto nuovi scopi, dall'insegnamento alla ricerca che si espandono in un'azione diretta nella società attraverso l'estensione e, infine, nel processo di sviluppo socioeconomico, attraverso l'innovazione.

Alcune pietre miliari sono molto importanti in queste transizioni: il XI secolo, con l'apparizione dell'Università in occidente (Italia e Francia) ; il XIX secolo, con l'emergere della ricerca (Inghilterra e Germania) ; e il XX secolo, nel dopoguerra, con un nuovo cambio radicale nel ruolo dell'Università: si rompe l'immagine della torre d'avorio, distante dalla società, affinché l'Università diventi protagonista del processo di sviluppo sociale ed economico, inserendosi in un'ampia e complessa rete di relazioni con altre istituzioni e attori sociali . In pieno XXI secolo, sovranità e autonomia nazionale sono sinonimo di

dominio della scienza, della tecnologia e dell'innovazione. E l'università è il luogo dove ciò accade.

Le università, soprattutto nella regione latino-americana, affrontano enormi tensioni. Pur mirando a raggiungere obiettivi e ideali umanistici, lottano per esistere, sopravvivere e rimanere utili in un mondo pratico e complesso. Quando l'Università è chiamata ad avvicinarsi alla società, uscendo dalla torre d'avorio, queste tensioni aumentano. Le sfide diventano molto più grandi per la comunità accademica, sia per gli insegnanti e ricercatori, come per gli studenti, tecnico-amministrativi e chiaramente per i manager accademici. E, nella regione dell'America Latina, è essenziale che l'Università rimanga socialmente riferita, il che ha un impatto su tutte le dimensioni della sua performance.

Una delle principali sfide che le università devono affrontare oggi riguarda la questione dell'innovazione e il contributo allo sviluppo sociale ed economico sostenibile, il che significa ampliare le condizioni per promuovere l'innovazione e raggiungere un approccio sistematico ai settori produttivi non accademici. Ciò richiede istituzioni che generino conoscenze attraverso la ricerca e trasferiscano tali conoscenze alla società, in particolare alle organizzazioni e alle imprese pubbliche o private, ma anche ai governi e ad altri segmenti. La creazione di un ambiente propizio all'avvenimento implica un ruolo forte del governo, ad esempio nella legislazione, creando e stabilizzando un quadro normativo che consenta il processo di traduzione dei risultati della ricerca nelle imprese, favorendo l'innovazione. Soprattutto per le istituzioni pubbliche, il quadro giuridico è un fattore chiave per il trasferimento delle conoscenze e la creazione di innovazione in vari settori.

Le università hanno attraversato due grandi cambiamenti dalla loro creazione nel XI secolo in Europa (Università di Bologna), che si concentrò sulla trasmissione di conoscenze dai professori agli studenti, con la sua missione centrata sull'insegnamento. Il primo cambiamento significativo riguardo alla sua missione avviene nel XIX secolo, specialmente in Germania, aggiungendo la *ricerca* come seconda missione dell'Università, oltre all'*insegnamento*, la sua prima missione, mentre emerge anche l'*estensione* come articolazione dell'insegnamento e della ricerca. Il secondo cambiamento significativo nella missione delle Università è iniziato nella seconda metà del XX secolo. A partire da esperienze in Università come MIT, Stanford e Harvard, sorge una terza missione, quella dell'Innovazione, orientata al protagonismo nello sviluppo sociale, economico e ambientale della società.

Questa nuova missione avvicina l'Università ad altre richieste della società in cui si inserisce e posiziona l'accademia come un importante vettore dello sviluppo sociale, economico e ambientale. Da allora, l'accademia ha convissuto con le tensioni generate dal nuovo ambiente, che coinvolgono la sua missione di insegnamento (prima missione), ricerca (seconda missione, frutto della prima rivoluzione) e innovazione (terza missione, frutto della seconda rivoluzione).

Un'istruzione basata sul valore

L'educazione si fa sempre nella relazione tra persone. Per questo sono importanti il dialogo, la partecipazione e una grande solidarietà umana. La sua ricerca umanista si fonda sull'eredità della centralità della persona e della sua formazione. La sua dimensione

comunitaria, che si attua attraverso la sinergia delle diverse forze, azioni e aree del sapere che costituiscono l'Università; è proprio quest'ultima dimensione ad accentuare la responsabilità, la solidarietà e la competenza professionale. L'università deve essere il luogo dove si dibattono le questioni fondamentali che riguardano la persona e la comunità . In questo senso, la cultura universitaria deve essere basata su una concezione integrale dell'essere umano: questa concezione implica che ogni essere umano sia considerato il fondamento, il fine e l'oggetto di tutte le istituzioni in cui si esprime e si realizza la vita sociale . Mantenere il contatto con la realtà umana: l'università è invitata a evitare due estremi: limitarsi a un lavoro culturale astratto e puramente accademico e lasciarsi assorbire dai problemi del momento che le farebbero perdere la visione d'insieme del processo storico, la prospettiva che rende possibile una comprensione più ampia della razionalità delle forze della natura e la relazione dell'ordine sociale con l'ordine etico e i valori dello spirito .

Le università devono essere attente a mantenere, o persino recuperare il loro contributo civilizzatore dalla produzione della conoscenza. Si tratta di promuovere strategie di riforma dalla piattaforma della conoscenza e dell'istruzione, dove le università hanno un ruolo fondamentale, anche se sempre meno esclusivo. L'università non intende semplicemente produrre professionisti, ma la formazione integrale di uomini e donne che siano in grado di sviluppare le rispettive attività professionali entro parametri di autentica eccellenza umana. La velocità con cui le nuove tecnologie diventano obsolete impone la realizzazione di azioni di qualificazione e formazione professionale con una forte componente di interdisciplinarietà nella formazione.

L'università è uno spazio di produzione e incremento del sapere umano, di percezione e lettura critica, di analisi, discussione, interpretazione e valutazione . È uno spazio di articolazione del sapere con la vita a livello individuale e sociale, regionale e universale . È uno spazio di trasmissione organica e pedagogica del sapere e di arricchimento del patrimonio culturale umano . Dunque, preparazione professionale, formazione scientifica, ricerca e trasmissione della verità . Senza dimenticare, tuttavia, l'importanza della gratuità della convivenza umana, attraverso la cura di relazioni umane di qualità.

Oltre alla formazione professionale, l'Università deve formare cittadini integri che condividono valori globali (amore, compassione, solidarietà, responsabilità ambientale e sociale), in un mondo in continua evoluzione.

Una riflessione sul tema

Pertanto, spetta all'Università assumere pienamente le funzioni inerenti alla gestione della conoscenza: la generazione, l'immagazzinamento, la sua disponibilità e il trasferimento. Affinché il pensiero e la conoscenza di una nuova istituzionalità si convertano in azione, il mondo universitario ha bisogno di alleanze e collaborazioni con diverse istanze e attori. In questo modo possiamo portare avanti l'aspirazione di concentrare il mondo dell'istruzione superiore su un progetto globale per lo sviluppo umano sostenibile o di concepire le università come vettori centrali di interconnessione dello spazio globale. È necessario sostenere il carattere di bene pubblico delle università, come sottolinea l'Unesco

nella sua "Dichiarazione mondiale sull'istruzione superiore nel XXI secolo" e altri documenti dello stesso organismo.

In un'epoca di globalizzazione, in cui dalla connettività delle nazioni risulta un brusco cambiamento di rotta, di politiche pubbliche e di scenari economici, si rende indispensabile capire il ruolo dello sviluppo locale, sempre realizzato con le caratteristiche di sostenibilità, richieste dalla società della conoscenza.

Per quanto riguarda le università cattoliche in questo contesto, ci si aspetta il dialogo con le culture, soprattutto del nostro tempo. Questo, a sua volta, non è altro che ciò che è prodotto da e per l'essere umano. Pertanto, in quanto Cattolica, l'Università assume la sua identità, esprimendo la sua ispirazione cristiana, non solo dei suoi dirigenti, ma degli orientamenti che assume di fronte alla comunità nel suo complesso. Richiede un impegno istituzionale al servizio della e nella società e di conseguenza la sua comprensione della vita.

La Conferenza mondiale sull'istruzione superiore ricorda che la missione degli istituti di istruzione superiore è quella di educare, formare e condurre ricerche e in particolare contribuire allo sviluppo sostenibile e al miglioramento della società nel suo insieme. Ci si aspetta di promuovere, generare e diffondere conoscenze attraverso la ricerca e, nel l'ambito della sua attività di estensione comunitaria, offrire consigli pertinenti per aiutare le società nel loro sviluppo culturale, ambientale, sociale ed economico, promuovendo e sviluppando la ricerca scientifica e tecnologica, così come gli studi accademici nelle scienze sociali e umane e l'attività di curatela nelle arti.

La rilevanza dell'istruzione superiore deve essere valutata in termini di corrispondenza tra ciò che la società si aspetta dalle istituzioni e ciò che esse realizzano. Ciò richiede standard etici, imparzialità politica, capacità critica e allo stesso tempo una migliore articolazione con i problemi della società e del mondo del lavoro, sulla base di orientamenti, obiettivi e necessità sociali, includendo il rispetto per le culture e la protezione dell'ambiente. L'istruzione superiore deve rafforzare il suo ruolo di servizi estesi alla società, specialmente le attività dirette all'eliminazione della povertà, intolleranza, violenza, analfabetismo, fame, deterioramento dell'ambiente e malattie, principalmente attraverso una prospettiva interdisciplinare e transdisciplinare per l'analisi dei problemi e delle questioni sollevate.

Infine, l'istruzione superiore deve mirare alla creazione di una nuova società non violenta e non oppressiva, costituita da individui altamente motivati e integri, ispirati dall'amore per l'umanità e guidati dalla saggezza e dal buon senso. In questo senso, le Università Cattoliche, con il loro percorso millenario come "esperte in umanità", secondo le parole di Papa Paolo VI, diventano l'interlocutore per eccellenza, assumendo un ruolo rilevante nel dialogo con le altre Istituzioni che integrano la grande rete sociale che chiamiamo società.

L'incontro tra la proposta del Vangelo e la pluralità della conoscenza espressa nell'immensità dei campi della conoscenza, che si moltiplicano con il progresso delle scoperte scientifiche e tecnologiche, esige la sfida di superare le relazioni egoistiche

dell'economia per impegnarsi con la dimensione morale di una vita degna e piena, esistente in tutti gli ambiti del pianeta, nella costruzione di un mondo migliore.

L'Educazione Integrata della persona umana implica educare tenendo conto delle dimensioni fisica, affettiva, cognitiva, comunitaria, etica-valoriale e trascendentale. In questo senso, l'educazione è intesa come un processo di umanizzazione che cambia completamente l'essere umano; un'educazione che abbracci l'uomo in tutte le sue dimensioni. Non solo l'intellettuale, ma anche l'etico e la formazione della personalità. Non solo l'individuo, chiuso in se stesso, ma la persona, che all'interno di un'antropologia cristiana è qualcuno aperto al mondo, all'altro, a se stesso e al trascendente. Da questa prospettiva, abbiamo un'università orientata all'educazione dello spirito, a una riflessione sul soggetto, l'essere umano aperto alla realtà e interpellato dall'alterità. Nell'università cattolica, l'educazione integrale unisce il sapere pratico a quello filosofico, cercando l'eccellenza accademica attraverso una riflessione critica e un'azione trasformatrice in campo sociale. Parliamo di un sapere impegnato. I presupposti di un'Educazione Integrata sono fondati sull'esistenza di verità universali, partono dai fondamenti di un umanesimo sociale-cristiano.

Conclusioni

Educare implica un atteggiamento di ascolto per sentire il grido che viene dall'altro. Indicare allo studente il percorso da seguire. Riorientare le sfide: stimolare lo studente ad un idealismo superiore, superando le proprie sfide e cercare di formare a una cittadinanza consapevole, fondata su valori globali, seminando nel cuore dei giovani l'amore per il sapere, la solidarietà e la speranza.

In un mondo dove la complessità cresce e la velocità del cambiamento è esponenziale, le università che supereranno le sfide saranno quelle che riconoscono e onorano i loro punti di forza, rispettando i loro valori, innovando con convinzione. La tradizione più importante da costruire oggi nelle istituzioni è quella del cambiamento, mantenendo sintonia e attenzione alle nuove esigenze della società, di cui l'Università fa parte, nel rispetto dei valori, della missione e della visione futura dell'Istituzione.

Tradizionalmente le Università hanno una storia di cooperazione e azione in rete, frutto della consapevolezza che la conoscenza realmente rilevante e dirompente non si produce isolatamente. Ciò ha generato una cultura di lavoro tra pari, a livello nazionale e internazionale. Ma, oggi, abbiamo bisogno di nuovi meccanismi e strumenti transnazionali, generati con autonomia da organizzazioni multilaterali. Che rispettino le realtà regionali, che stimolino e inducano la collaborazione, sempre al servizio dello sviluppo ambientalmente sostenibile, simultaneamente nelle dimensioni sociali ed economiche, di tutta l'umanità.

Come sottolineato nell'ultima Conferenza Mondiale dell'Educazione Superiore dell'UNESCO, tenutasi a Barcellona nel 2022, una delle tendenze più pericolose degli ultimi decenni è che esista un unico modello di Università che deve essere copiato da tutti. Ogni università deve sviluppare il proprio modello, basato sulla sua traiettoria e missione. I

modelli standard indotti da ranking accademici o entità globali non sono adeguati né desiderati in un mondo multicentrico e diverso.

In questo senso, le università devono agire come ecosistemi di innovazione e cittadinanza connettendo persone, rispettando le loro tradizioni e valori, equilibrando il locale e il globale. Questo equilibrio tra la tradizione (rappresentata dai valori istituzionali e accademici) e il rinnovamento (rappresentato dalle nuove opportunità e richieste della società) è l'elemento distintivo che le migliori università del futuro stanno costruendo oggi.

In conclusione, le nostre istituzioni di istruzione superiore devono mettere la loro tradizione e qualità al servizio del rinnovamento necessario per adempiere alla loro missione. Questo deve essere fatto in modo coerente con i loro principi e valori (missione, visione, quadro di riferimento), implica la ricerca costante di una nuova educazione per una nuova società, in sintonia con il nostro tempo . E dobbiamo farlo INSIEME, come una comunità!

Higher Education in a Context of Cultural Change

Throughout history, no other institution has preserved, shared, and advanced human knowledge as much as the university. Over the centuries, it has consistently made enormous contributions to the growth of the society in which it is embedded. The university emerged within the Church almost spontaneously. Its origins, for example, date back to a time when religion dominated all spheres of social relations. With a millennial tradition, as the very name *universitas* expresses, it suggests the convergence of elements into a unity — that is, the gathering of scholars and intellectuals.

Since its emergence in the 11th century in Bologna, the university has played a central role in the transmission of human knowledge through teaching. In the 15th century, the university transformed into a center for professional training in service of the State. During the 18th century, higher education was seen as a formative process for the elites of power and the officials of emerging nation-states. In the 19th century, the generation of new knowledge, scientific and technological research, emerged. From the second half of the 20th century, during the so-called technoscience revolution, higher education acquired new economic functions through the well-known theories of human capital and innovation.

Universities today face a series of tensions and possible futures. There is a combination of forces and processes, coming from various spheres, that are impacting university dynamics. Among them are (a) New Technologies and Innovation, and (b) the complex process of globalization.

New Technologies have always transformed human life on Earth: the mastery of fire 7,000 years ago and the invention of the wheel 3,500 years ago, the invention of the alphabet by the Phoenicians in the Levant (Mesopotamia) in the 15th century BCE, Gutenberg's printing press in the 15th century, the loom and the steam engine in England in the 18th century, the computer and nuclear energy at the end of the first half of the 20th century in the United States, computer networks and the Internet in the second half of the 20th century, and, finally, the emergence of Artificial Intelligence in the 21st century. All these examples are technologies that transformed the world. However, from the 20th century onwards, technological development became associated with scientific advancement developed in universities and became the key factor in generating wealth in the world, involving innovation and the mechanisms for transforming science (or knowledge) into value for society. This world, strongly based on technological evolution, is in full development and undergoing exponential transformation, impacting people's lives, society, and the world of work at a scale unprecedented in human history.

Globalization, from various angles, and not only the economic, threatens and challenges national higher education systems, triggering a process of commodification that affects and distorts most higher education institutions, both in their purposes and objectives, as well as in their educational offerings and modes of operation. Globalization has brought with it a civilizational mutation. It is not a simple change, but a mutation. Its genesis results from the various revolutions in the different areas of knowledge that

humanity has experienced in recent decades: the technoscience revolution; the information revolution; the biogenetic revolution; and the change in the relationship between capital and labor. This new world is not ready; it is under construction.

Here arises the urgency of a new educational and pedagogical orientation capable of giving a soul to globalization and new technologies, a more human face. In this sense, the future of universities will depend on their capacity to provide an adequate response to a heterogeneous and demanding society in the formation of its citizens, who, in turn, demand a high-quality university system, as well as the right to equal opportunities. Moreover, the future of universities will depend on their choice not to abandon one of their substantial missions, namely, to be the arena where a nation develops culturally, including in the formation of its youth ethical values and guiding principles.

The beginning of the 21st century has brought with it the reiteration of an old aspiration: that the complex economic, political, and cultural problems of contemporary societies can be solved through education, and especially by higher education institutions. On the other hand, perhaps this aspiration is one of the great paradoxes of the contemporary world, consisting precisely in the fact that, in times of globalization or internationalization of almost everything, education remains the last utopia, certainty, or project for the cultural, ethical, and civic reform of societies. We urgently need education for everyone, and this discussion must be truly global. In this discussion, it is not possible to separate knowledge, ethics, the moralizing role of any educational system, and politics.

The University: From Teaching to Research and Innovation

Over time, universities have evolved from small religiously oriented colleges, focused on philosophy and theology, to a broader range of educational offerings, aiming to meet demands for increasingly specific professional training and to respond to the needs of a constantly developing society and global economy. Likewise, the mission of the university has accumulated new purposes: from teaching to research, expanding into direct engagement with society through extension activities and, finally, into the socio-economic development process through innovation.

Some milestones are particularly important in these transitions: the 11th century, with the emergence of the university in the West (Italy and France); the 19th century, with the emergence of research (England and Germany); and the 20th century, in the post-war period, with a new radical change in the role of the university: the image of the ivory tower, distant from society, is broken so that the university becomes a protagonist in the process of social and economic development, inserting itself into a broad and complex network of relations with other institutions and social actors. In the 21st century, national sovereignty and autonomy are synonymous with mastery of science, technology, and innovation. And the university is the *locus* where this occurs.

Universities, especially in the Latin American region, face enormous tensions. While aiming to achieve humanistic goals and ideals, they struggle to exist, survive, and remain relevant in a practical and complex world. When universities are called to engage with

society, moving out of the ivory tower, these tensions increase. The challenges become much greater for the academic community, including faculty and researchers, students, administrative staff, and, clearly, academic leaders. In the Latin American context, it is essential that universities remain socially grounded, which impacts all dimensions of their work.

One of the greatest challenges facing universities today involves innovation and their contribution to sustainable social and economic development. This means expanding the conditions for promoting innovation and establishing systematic engagement with non-academic productive sectors. This requires institutions that generate knowledge through research and transfer this knowledge to society, especially to public or private organizations and companies, but also to governments and other sectors. Creating a conducive environment for this requires a strong role from the government — for example, through legislation that establishes and stabilizes a regulatory framework allowing the translation of research results into companies, thus enabling innovation. For public institutions in particular, the legal framework is a fundamental factor for knowledge transfer and for generating innovation across various sectors.

Universities have undergone two major changes since their creation in the 11th century in Europe (University of Bologna), when they were centered on the transmission of knowledge from professors to students, with teaching as their primary mission. The first significant change in their mission occurred in the 19th century, particularly in Germany, when research was added as a second mission of the university, alongside teaching as the first mission, while extension also emerged as a development of teaching and research. The second significant change in the mission of universities began in the second half of the 20th century. Based on experiences at universities such as MIT, Stanford, and Harvard, a third mission emerged: Innovation, focused on leading social, economic, and environmental development.

This new mission brings the university closer to other societal demands in which it is embedded and positions academia as an important driver of social, economic, and environmental development. Since then, academia has had to navigate the tensions generated by this new environment, involving its teaching mission (first mission), research (second mission, resulting from the first revolution), and innovation (third mission, resulting from the second revolution).

Education Based on Values

Education always takes place in the context of human relationships. This is why dialogue, participation, and profound human solidarity are so important. In its *humanistic* pursuit, through the legacy of the centrality of the person and their formation; in its *communal dimension*, through the synergy of the various forces and activities, of the different areas of knowledge that constitute the university; emphasizing within the latter the dimensions of *responsibility, solidarity, and professional competence*¹. *The university*

needs to be the place where fundamental questions affecting both the individual and the community are discussed. In this sense, university culture should be based on a comprehensive conception of the human being: this conception implies that every human being is considered the foundation, the end, and the object of all institutions in which social life is expressed and realized. Maintaining contact with human reality: the university is invited to avoid two extremes: limiting itself to abstract and purely academic cultural work, and being absorbed by immediate problems that would make it lose the broader perspective of the historical process — the perspective that enables a wider understanding of the rationality of the forces of nature and the relationship between social order, ethical order, and the values of the human spirit.

Universities must remain attentive to maintain — or even recover — their civilizational contribution from the production of knowledge. This involves promoting reform strategies based on knowledge and education, areas in which universities play a fundamental, though increasingly non-exclusive, role. The university does not aim simply to produce professionals, but rather to form well-rounded men and women capable of carrying out their professional activities within the parameters of authentic human excellence. The speed with which new technologies become obsolete requires the implementation of professional qualification and training actions with a strong component of interdisciplinarity in education.

The university is a space for the production and advancement of human knowledge, for critical perception and analysis, discussion, interpretation, and evaluation. It is a space for connecting knowledge with life on an individual and social, regional and global level. It is a space for the organic and pedagogical transmission of knowledge and for enriching the human cultural heritage. Therefore, it involves professional preparation, scientific formation, the pursuit and transmission of truth, without neglecting the importance of the gratuitousness of human interaction through the cultivation of quality human relationships.

Beyond professional training, the university must educate integral citizens who share global values (love, compassion, solidarity, environmental and social responsibility) in a world of constant transformation.

A Reflection on the Topic

Thus, it is up to the university to fully assume the functions inherent to knowledge management: generation, storage, availability, and transfer. For thought and knowledge regarding a new institutional framework to be converted into action, the world of universities requires alliances and collaboration with various institutions and actors. In this way, we can continue to aspire to make higher education contribute to a global project of sustainable human development, or to conceive universities as central vectors of interconnection within the global space. It is necessary to uphold the *public-good* character of universities, as highlighted by UNESCO in its “World Declaration on Higher Education for the 21st Century” and other documents from the same organization.

In an era of globalization, where the connectivity of nations results in abrupt changes in directions, public policies, and economic scenarios, it is indispensable to understand the role of local development, always carried out with the characteristics of sustainability demanded by the knowledge society.

Regarding Catholic universities in this context, dialogue with cultures — especially those of our time — is expected. This dialogue, in turn, is nothing other than what is produced by and for human beings. Therefore, as a Catholic institution, the university assumes its identity, expressing its Christian inspiration, not only of its leaders but also in the orientations it adopts toward the community as a whole. It requires institutional commitment in the service of, and within, society, and consequently a comprehensive understanding of life.

The World Conference on Higher Education reminds us that the mission of higher education institutions is to educate, form, and conduct research, and, in particular, to contribute to sustainable development and the betterment of society as a whole. Universities are expected to promote, generate, and disseminate knowledge through research and, as part of their community outreach activities, offer relevant advice to assist societies in their cultural, environmental, social, and economic development, promoting and advancing scientific and technological research as well as academic studies in the social sciences and humanities, and curative activities in the arts.

The relevance of higher education must be assessed in terms of the alignment between what society expects from institutions and what they actually accomplish. This requires ethical standards, political impartiality, critical capacity, and, at the same time, better articulation with societal and labor market problems, based on social guidance, objectives, and needs, including respect for cultures and environmental protection. Higher education should reinforce its role in providing extensive services to society, particularly activities aimed at eliminating poverty, intolerance, violence, illiteracy, hunger, environmental degradation, and disease, primarily through an interdisciplinary and transdisciplinary perspective for analyzing the problems and issues raised.

Finally, higher education should aim to create a new, non-violent, and non-oppressive society, composed of highly motivated and integral individuals, inspired by love for humanity and guided by wisdom and common sense. In this sense, Catholic universities, with their millennial trajectory as *experts in humanity*, in the words of Pope Paul VI, become interlocutors par excellence, assuming a relevant role in dialogue with other institutions that form the vast social network we call society.

The encounter between the Gospel's message and the plurality of knowledge expressed across the immense fields of discovery, which multiply with advances in scientific and technological research, demands the challenge of moving beyond selfish economic relations toward a commitment to the moral dimension of a dignified and full life, present in all realms of the planet, in the construction of a better world.

Integral education of the human person implies educating with consideration for the physical, emotional, cognitive, communal, ethical-value, and transcendental dimensions. In

this sense, education is understood as a process of humanization that transforms the human being entirely; an education that encompasses the whole person in all dimensions — not only the intellectual, but also the ethical and the formation of personality. Not merely the individual, closed in on themselves, but the person, who, within a Christian anthropology, is someone open to the world, to others, to themselves, and to the transcendent. From this perspective, we have a university focused on the education of the spirit, on reflection about the subject, the human being open to reality and challenged by otherness. In the Catholic university, integral education unites practical and philosophical knowledge, seeking academic excellence through critical reflection and transformative action in the social sphere. We speak of engaged knowledge. The foundations of Integral Education are based on the existence of universal truths, rooted in the principles of social-Christian humanism.

Conclusion

To educate implies an attitude of listening, to hear the call that comes from the other. It is to point out to the student the path they should follow. To guide challenges: to stimulate the student toward a higher idealism, overcoming personal obstacles, and to educate for conscious citizenship, grounded in global values, sowing in the hearts of young people a love for knowledge, solidarity, and hope.

In a world where complexity is increasing and the pace of change is exponential, the universities that will overcome the challenges are those that recognize and honor their strengths, respecting their values while innovating with conviction. The most important tradition to be built today in institutions is that of change, remaining attuned to and attentive to the new demands of society, of which the university is a part, while respecting the institution's values, mission, and vision of the future.

Traditionally, universities have a history of cooperation and networked action, stemming from the awareness that truly relevant and disruptive knowledge is not produced in isolation. This has created a culture of peer collaboration, both nationally and internationally. Today, however, new transnational mechanisms and instruments are needed, generated autonomously by multilateral organizations, which respect regional realities, stimulate and induce collaboration, always serving environmentally sustainable development simultaneously across social and economic dimensions for all humanity.

As highlighted at the last UNESCO World Conference on Higher Education, held in Barcelona in 2022, one of the most dangerous trends in recent decades is the belief that there is a single university model that should be copied by all. Each university must develop its own model, based on its history and mission. Standardized models, driven by academic rankings or global entities, are neither appropriate nor desirable in a multicentric and diverse world.

In this sense, universities must act as ecosystems of innovation and citizenship, connecting people, respecting their traditions and values, and balancing the local and the global. This balance between tradition (represented by institutional and academic values)

and renewal (represented by new opportunities and societal demands) is the distinguishing feature that the best universities of the future are building today.

In conclusion, our higher education institutions must place their tradition and quality at the service of the renewal necessary to fulfill their mission. This must be done coherently with their principles and values (mission, vision, reference framework), involving the constant pursuit of a new education for a new society, in tune with our time. And we must do this **TOGETHER**, as a community!

L'enseignement supérieur dans un contexte de changement culturel

Au cours de l'histoire, aucune autre institution n'a autant préservé, partagé et avancé la connaissance de l'humanité que l'Université. Au cours des siècles, elle a toujours apporté d'énormes contributions à la croissance de la société dans laquelle elle était insérée. L'université naît au sein de l'Église presque spontanément. Ses débuts, par exemple, remontent à une époque où la religion dominait toutes les sphères des relations sociales. Avec une tradition millénaire, comme le nom lui-même exprime *universitas*, veut signifier la convergence des éléments à l'unité, c'est-à-dire la réunion des savants, intellectuels du savoir.

Depuis son apparition au XI^e siècle, à Bologne, l'Université œuvre dans le processus de transmission du savoir humain par l'enseignement. Au XV^e siècle, l'université devient un centre de formation professionnelle au service de l'État. Au XVIII^e siècle, l'enseignement supérieur était considéré comme un processus de formation des élites du pouvoir et des fonctionnaires des États nationaux naissants. Au XIX^e siècle émerge la génération de nouvelles connaissances, la recherche scientifique et technologique. À partir de la seconde moitié du XX^e siècle, dans la soi-disant révolution de la technoscience, on attribue de nouvelles fonctions économiques à l'éducation avec les théories bien connues du capital humain et de l'innovation.

Les universités sont confrontées à un certain nombre de tensions et d'avenir possibles. Il existe une combinaison de forces et de processus provenant de divers domaines qui ont un impact sur la dynamique universitaire. Parmi celles-ci, (a) les nouvelles technologies et l'innovation et (b) le processus complexe de mondialisation.

Les Nouvelles Technologies, depuis toujours ont été transformatrices du mode de vie de l'homme sur terre, depuis la domination du feu il y a 7000 ans et l'invention de la roue depuis 3,5 mille ans, en passant par l'invention de l'alphabet par les phéniciens au Levant (Mésopotamie) au XV^e siècle avant JC, la presse de Gutemberg au XV^e siècle, le métier à tisser et la machine à vapeur en Angleterre au XVIII^e siècle, jusqu'à l'ordinateur et l'énergie nucléaire à la fin de la première moitié du XX^e siècle aux États-Unis, arrivant sur les réseaux informatiques et Internet dans la seconde moitié du XX^e siècle et culminant dans ce XXI^e siècle avec l'émergence de l'Intelligence Artificielle. Tous ces exemples sont des technologies qui ont transformé le monde. Mais, à partir du XX^e siècle, le développement technologique devient associé aux avancées scientifiques développées dans les universités et devient le facteur clé de génération de richesse dans le monde, impliquant l'innovation et les mécanismes de transformation de la science (ou connaissance) en valeur pour la société. Ce monde fortement basé sur l'évolution technologique est en plein processus de développement et en transformation exponentielle, en vitesse d'incidence dans la vie des personnes, dans la société et dans le monde du travail à une échelle sans précédent dans l'histoire humaine.

La mondialisation, sous divers angles, et pas seulement économique, menace et défie les systèmes nationaux d'enseignement supérieur, déclenchant un processus de marchandisation qui affecte et déforme la plupart des institutions supérieures, tant dans ses fins et buts que dans son offre éducative et sa forme de fonctionnement. La mondialisation a entraîné une mutation de civilisation. Il ne s'agit pas de changement pur et simple, mais de mutation. Sa genèse est le fruit des diverses révolutions dans les divers domaines du savoir par lesquels l'humanité a passé ces dernières décennies : révolution de la technoscience; la révolution de l'information; la révolution biogénétique; le changement de la relation capital-travail. Ce nouveau monde n'est pas prêt, il est en construction.

C'est là que se pose l'urgence d'une nouvelle orientation éducative et pédagogique capable de donner un visage plus humain à la mondialisation et aux nouvelles technologies. En ce sens, l'avenir des universités jouera sur leur capacité à apporter une réponse adéquate à une société hétérogène et exigeante dans la formation de ses citoyens qui réclament un système universitaire de qualité ainsi que le droit à l'égalité des chances. Et encore, l'avenir des universités dépendra de leur choix de ne pas abandonner une de leurs missions substantielles, c'est-à-dire celle d'être l'arène où se développe culturellement une nation, y compris dans la formation de ses jeunes aux valeurs et directives éthiques.

Le début du 21ème siècle a apporté la réaffirmation d'une vieille aspiration : celle que les problèmes complexes économiques, politiques et culturels des sociétés contemporaines peuvent être résolus par l'éducation, et en particulier par les institutions d'enseignement supérieur. D'autre part, peut-être cette aspiration est-elle l'un des grands paradoxes du monde contemporain et consiste-t-elle justement en ce que, à l'époque de la mondialisation ou de l'internationalisation de presque toutes les choses, l'éducation demeure comme la dernière utopie, certitude ou projet pour la réforme culturelle, éthique et civique des sociétés. Nous avons un besoin urgent d'éducation entre tous, et cette discussion doit être véritablement mondiale. Dans cette discussion, il n'est pas possible de séparer le savoir, l'éthique, le rôle moralisateur de tout système éducatif et la politique.

L'Université : de l'enseignement à la recherche et à l'innovation

Au fil du temps, les universités ont évolué de petits collèges d'orientation religieuse, axés sur la philosophie et la théologie, à un éventail plus large d'offres de formation visant à répondre aux demandes de formations professionnelles de plus en plus spécifiques, répondre aux besoins d'une société et d'une économie mondiales en constante évolution. De même, la mission de l'Université a été d'ajouter de nouveaux objectifs, de l'enseignement à la recherche qui se développent dans une action directe dans la société par l'extension et enfin dans le processus de développement socio-économique, par l'innovation.

Certains jalons sont très importants dans ces transitions : le XIe siècle, avec l'émergence de l'Université à l'ouest (Italie et France); le XIXe siècle, avec l'émergence de la recherche (Angleterre et Allemagne); et le XXème siècle, dans l'après-guerre, avec un nouveau changement radical dans le rôle de l'Université : on brise l'image de la tour d'ivoire, éloignée de la société, pour que l'Université devienne protagoniste du processus

de développement s'insérant dans un vaste et complexe réseau de relations avec d'autres institutions et acteurs sociaux. Au XXI^e siècle, souveraineté et autonomie nationale sont synonymes de maîtrise de la science, de la technologie et de l'innovation. Et l'université est le lieu où cela se produit.

Les universités, en particulier dans la région latino-américaine, font face à d'énormes tensions. Tout en cherchant à atteindre des objectifs et des idéaux humanistes, ils luttent pour exister, survivre et rester utiles dans un monde pratique et complexe. Lorsque l'université est appelée à se rapprocher de la société, en sortant de la tour d'ivoire, ces tensions augmentent. Les défis deviennent beaucoup plus grands pour la communauté académique, tant pour les enseignants et les chercheurs que pour les étudiants, les techniciens administratifs et clairement pour les gestionnaires académiques. Et, dans la région de l'Amérique latine, il est essentiel que l'Université reste socialement référencée, ce qui a un impact sur toutes les dimensions de son action.

L'un des plus grands défis des universités aujourd'hui concerne la question de l'innovation et la contribution au développement social et économique durable, ce qui signifie élargir les conditions pour promouvoir l'innovation et réaliser une approche systématique aux secteurs productifs non académiques. Cela nécessite des institutions qui génèrent des connaissances par la recherche et transmettent ces connaissances à la société, en particulier aux organisations et entreprises publiques ou privées, mais aussi aux gouvernements et autres segments. La création d'un environnement propice pour que cela se produise implique un rôle fort du gouvernement, par exemple dans la législation, en créant et en stabilisant un cadre réglementaire qui permette le processus de transfert des résultats de la recherche aux entreprises, permettant l'innovation. En particulier pour les institutions publiques, le cadre juridique est un facteur fondamental pour que le transfert de connaissances se produise et génère l'innovation dans les différents secteurs.

Les universités ont connu deux grands changements depuis leur création au XI^e siècle en Europe (Université de Bologne), qui était centrée sur la transmission des connaissances des enseignants aux étudiants, avec sa mission axée sur l'enseignement. Le premier changement significatif par rapport à sa mission se produit au XIX^e siècle, en particulier en Allemagne, ajoutant la recherche comme deuxième mission de l'Université, outre l'enseignement, sa première mission, tout en émergeant également l'extension comme dédoublement de l'enseignement et de la recherche. Le deuxième changement significatif dans la mission des universités a commencé dans la seconde moitié du XX^e siècle. À partir d'expériences dans les universités comme MIT, Stanford et Harvard, apparaît une troisième mission, de l'innovation, économique et environnemental de la société.

Cette nouvelle mission rapproche l'Université d'autres exigences de la société dans laquelle elle est insérée et positionne l'académie comme un vecteur important du développement social, économique et environnemental. Depuis, l'académie a vécu avec les tensions générées par le nouvel environnement, impliquant sa mission d'enseignement (première mission), de recherche (deuxième mission, fruit de la première révolution) et d'innovation (troisième mission, fruit de la seconde révolution).

Une éducation fondée sur les valeurs

L'éducation se fait toujours dans la relation des personnes. D'où l'importance du dialogue - de la participation - et d'une grande solidarité humaine. Dans sa quête *humaniste*, à travers l'héritage de la centralité de la personne et de sa formation ; *Dimension communautaire*, par la synergie des diverses forces et actions, des divers domaines du savoir qui constituent l'Université; *accentuant dans cette dernière les dimensions de la responsabilité, de la solidarité et de la compétence professionnelle*. L'Université doit être le lieu où les questions fondamentales qui touchent la personne et la communauté sont abordées. En ce sens, la culture universitaire doit être fondée sur une conception intégrale de l'être humain : cette conception implique que chaque être humain soit considéré comme le fondement, le but et l'objet de toutes les institutions dans lesquelles s'exprime et se réalise la vie sociale. Maintenir le contact avec la réalité humaine : l'université est invitée à éviter deux extrêmes : se limiter à un travail culturel abstrait et purement académique et se laisser absorber par des problèmes du moment qui lui feraient perdre la vision d'ensemble du processus historique, la perspective qui rend possible une compréhension plus large de la rationalité des forces de la nature et le rapport de l'ordre social avec l'ordre éthique et les valeurs de l'esprit.

Les universités doivent être attentives à maintenir, ou même récupérer leur contribution civilisatrice depuis la production de connaissances. Il s'agit d'impulser des stratégies de réforme à partir de la plate-forme du savoir et de l'éducation, où les universités ont un rôle fondamental, bien que de moins en moins exclusif. L'université ne vise pas simplement la production de professionnels, mais la formation intégrale d'hommes et de femmes qui soient capables de développer leurs activités professionnelles respectives dans des paramètres d'authentique excellence humaine. La vitesse à laquelle les nouvelles technologies deviennent obsolètes impose de mener des actions de qualification et de formation professionnelle avec une forte composante d'interdisciplinarité dans la formation.

L'université est un espace de production et d'accroissement du savoir humain, de perception et de lecture critique, d'analyse, de discussion, d'interprétation et d'évaluation. C'est un espace d'articulation du savoir avec la vie au niveau individuel et social, régional et universel. C'est un espace de transmission organique et pédagogique du savoir et d'enrichissement du patrimoine culturel humain. Donc, préparation professionnelle, formation scientifique, recherche et transmission de la vérité. Sans oublier, cependant, l'importance de la gratuité de la vie humaine, par le biais de la culture des relations humaines de qualité.

Au-delà de la formation professionnelle, l'Université doit former des citoyens intègres qui partagent des valeurs globales (amour, compassion, solidarité, responsabilité environnementale et sociale) dans un monde en constante transformation.

Une réflexion sur le thème

Ainsi, il appartient à l'Université d'assumer pleinement les fonctions inhérentes à la gestion des connaissances : la génération, le stockage et leur disponibilité et transfert. Pour que la pensée et la connaissance d'une nouvelle institutionnalité se transforment en action, le monde des universités a besoin d'alliances et de collaboration avec diverses instances et acteurs. De cette façon, nous pouvons continuer à aspirer à placer le monde de l'enseignement supérieur dans un projet global de développement humain durable ou bien concevoir les universités comme vecteurs centraux d'interconnexion de l'espace global. Il est nécessaire de soutenir le caractère public des universités, comme le souligne l'UNESCO dans sa "Déclaration mondiale sur l'enseignement supérieur au XXI^e siècle" et d'autres documents du même organisme.

À une époque de mondialisation, où la connectivité des nations entraîne un changement brusque des orientations, des politiques publiques et des scénarios économiques, il est indispensable de comprendre le rôle du développement local, toujours réalisé avec les caractéristiques de la durabilité, exigées par la société de la connaissance.

En ce qui concerne les universités catholiques dans ce contexte, on attend le dialogue avec les cultures, surtout de notre temps. Celui-ci, à son tour, n'est rien de plus que ce qui est produit par et pour l'être humain. Par conséquent, en tant que Catholique, l'Université assume son identité, exprimant son inspiration chrétienne, non seulement de ses dirigeants, mais des orientations qu'elle prend devant la communauté dans son ensemble. Demande un engagement institutionnel au service de et dans la société et par conséquent sa compréhension de la vie.

La Conférence mondiale sur l'enseignement supérieur rappelle que la mission des institutions d'enseignement supérieur est d'éduquer, de former et de mener des recherches et en particulier de contribuer au développement durable et à l'amélioration de la société dans son ensemble. On espère promouvoir, générer et diffuser des connaissances par la recherche et, dans le cadre de son activité d'extension à la communauté, offrir des conseils pertinents pour aider les sociétés dans leur développement culturel, environnemental, social et économique, promouvoir et développer la recherche scientifique et technologique, ainsi que les études académiques dans les sciences sociales et humaines et l'activité curative dans les arts.

La pertinence de l'enseignement supérieur doit être évaluée en termes d'ajustement entre ce que la société attend des institutions et ce qu'elles réalisent. Cela nécessite des normes éthiques, une impartialité politique, une capacité critique et en même temps une meilleure articulation avec les problèmes de la société et du monde du travail, sur la base d'orientations, d'objectifs et de besoins sociaux, y compris le respect des cultures et la protection de l'environnement. L'enseignement supérieur doit renforcer son rôle de service à la société, en particulier les activités visant à éliminer la pauvreté, l'intolérance, la violence, l'analphabétisme, la faim, la détérioration de l'environnement et les maladies, principalement à travers une perspective interdisciplinaire et transdisciplinaire pour l'analyse des problèmes et des questions soulevées.

Enfin, l'enseignement supérieur doit aspirer à la création d'une nouvelle société non violente et non oppressive, constituée d'individus hautement motivés et intègres, inspirés par l'amour de l'humanité et guidés par la sagesse et le bon sens. Dans ce sens, les

universités catholiques, avec leur trajectoire millénaire comme expertes en humanité, selon le Pape Paul VI deviennent l'interlocutrice par excellence, assumant un rôle important dans le dialogue avec les autres institutions qui font partie de la grande toile sociale que nous appelons société.

La rencontre entre la proposition de l'Évangile et la pluralité du savoir exprimé dans l'immensité des champs de la connaissance, qui se multiplient avec le progrès des découvertes scientifiques et technologiques, exige le défi de dépasser les rapports égoïstes de l'économie pour s'engager dans la dimension morale d'une vie digne et pleine, existant dans tous les milieux de la planète, dans la construction d'un monde meilleur.

L'Éducation Intégrale de la personne humaine implique d'éduquer en tenant compte des dimensions physiques, affectives, cognitives, communautaires, éthiques et transcendantes. Dans ce sens, l'éducation est comprise comme un processus d'humanisation qui modifie entièrement l'être humain ; une éducation qui englobe l'homme dans toutes ses dimensions. Non seulement l'intellectuel, mais aussi l'éthique et la formation de la personnalité. Non seulement l'individu, fermé sur lui-même, mais la personne, qui dans une anthropologie chrétienne est quelqu'un d'ouvert au monde, à l'autre, à soi-même et au transcendant. Dans cette perspective, nous avons une université tournée vers l'éducation de l'esprit, vers une réflexion sur le sujet, l'être humain ouvert à la réalité et interpellé par l'altérité. À l'université catholique, l'éducation intégrale unit le savoir pratique au savoir philosophique, en recherchant l'excellence académique par une réflexion critique et une action transformatrice dans le domaine social. Nous parlons d'un savoir engagé. Les présupposés d'une éducation intégrale sont fondés sur l'existence de vérités universelles, partent des fondements d'un humanisme social-chrétien.

Concluant

Éduquer implique une attitude d'écoute pour écouter le cri qui vient de l'autre. Indiquer à l'élève la voie qu'il doit suivre. Relever les défis : stimuler l'élève à un idéalisme supérieur, surmonter ses propres défis et chercher à former à une citoyenneté consciente, fondée sur des valeurs globales, en semant dans le cœur des jeunes l'amour du savoir, de la solidarité et de l'espérance.

Dans un monde où la complexité est croissante et la vitesse des changements est exponentielle, les universités qui surmonteront les défis seront celles qui reconnaîtront et honoreront leurs forces, en respectant leurs valeurs, tout en innovant avec conviction. La tradition la plus importante à construire aujourd'hui dans les institutions est celle du changement, en gardant l'harmonie et l'attention aux nouvelles exigences de la société, dont l'Université fait partie, en respectant les valeurs, la mission et la vision d'avenir de l'institution.

Traditionnellement, les universités ont une histoire de coopération et d'action en réseau, fruit de la conscience que des connaissances vraiment pertinentes et perturbatrices ne se produisent pas isolément. Cela a engendré une culture de travail entre pairs, à l'échelle nationale et internationale. Mais aujourd'hui, nous avons besoin de nouveaux mécanismes et instruments transnationaux, générés avec autonomie par des organisations

multilatérales. Qui respectent les réalités régionales, qui stimulent et induisent la collaboration, toujours au service du développement écologiquement durable, simultanément dans les dimensions sociales et économiques, de toute l'humanité.

Comme l'a souligné la dernière conférence mondiale de l'UNESCO sur l'enseignement supérieur, tenue à Barcelone en 2022, l'une des tendances les plus dangereuses des dernières décennies est qu'il existe un seul modèle d'université qui doit être copié par tous. Chaque université doit développer son propre modèle, basé sur sa trajectoire et sa mission. Les modèles standard induits par des classements universitaires ou des entités mondiales ne sont pas appropriés ou souhaitables dans un monde multiculturel et diversifié.

Dans ce sens, les universités doivent agir comme des écosystèmes d'innovation et de citoyenneté en connectant les personnes, en respectant leurs traditions et leurs valeurs, en équilibrant le local et le global. Cet équilibre entre la tradition (représentée par les valeurs institutionnelles et académiques) et le renouvellement (représenté par les nouvelles opportunités et demandes de la société) est le différentiel que les meilleures universités du futur construisent aujourd'hui.

En conclusion, nos institutions d'enseignement supérieur doivent mettre leur tradition et leur qualité au service du renouvellement nécessaire pour remplir leur mission. Cela doit être fait de manière cohérente avec ses principes et valeurs (mission, vision, cadre de référence), implique la recherche constante d'une nouvelle éducation pour une nouvelle société, en harmonie avec notre temps. Et nous devons le faire **ENSEMBLE**, en tant que communauté !

La educación superior en un contexto de cambio cultural

En el curso de la historia, ninguna otra institución ha preservado, compartido y avanzado tanto el conocimiento de la humanidad como la Universidad. A lo largo de los siglos, siempre ha hecho enormes contribuciones al crecimiento de la sociedad en la que estaba insertada. La universidad nace en el seno de la Iglesia casi espontáneamente. Sus comienzos, por ejemplo, se remontan a una época en que la religión dominaba todas las esferas de las relaciones sociales. Con una tradición milenaria, como el propio nombre expresa *universitas*, quiere dar a entender la convergencia de elementos a la unidad, es decir, la reunión de los estudiosos, intelectuales del saber.

Desde su aparición en el siglo XI, en Bolonia, la Universidad actúa en el proceso de transmisión del conocimiento humano, a través de la enseñanza. En el siglo XV, la universidad se transforma en centro de formación profesional al servicio del Estado. Durante el siglo XVIII la educación superior era vista como un proceso formador de las élites de poder y de los funcionarios de los estados nacionales nacientes. En el siglo XIX surge la generación de nuevos conocimientos, la investigación científica y tecnológica. A partir de la segunda mitad del siglo XX, en la llamada revolución de la tecnociencia, se asignan nuevas funciones económicas a la educación con las conocidas teorías del capital humano y la innovación.

Las universidades se encuentran con una serie de tensiones y futuros posibles. Existe una combinación de fuerzas y procesos, provenientes de diversos ámbitos que están impactando la dinámica universitaria. Entre ellas se encuentran (a) las nuevas tecnologías y la innovación y (b) el complejo proceso de globalización.

Las nuevas tecnologías, desde siempre han sido transformadoras de la forma de vida del hombre en la tierra, desde el dominio del fuego hace 7,000 años a.C. y la invención de la rueda hace 3,500 años a.C., pasando por la invención del alfabeto por los fenicios en el Levante (Mesopotamia) en el siglo XV a.C., la prensa de Gutemberg en el siglo XV, el telar y la máquina de vapor en Inglaterra en el siglo XVIII, hasta la computadora y la energía nuclear a finales de la primera mitad del siglo XX en los Estados Unidos, llegando a las redes de ordenadores e Internet en la segunda mitad del siglo XX y culminando en este siglo XXI con la emergencia de la Inteligencia Artificial. Todos estos ejemplos son tecnologías que han transformado el mundo. Pero, a partir del siglo XX, el desarrollo tecnológico pasa a estar asociado con el avance científico desarrollado en las Universidades y está pasando a ser el factor clave de generación de riqueza en el mundo, involucrando la innovación y los mecanismos de transformación de la ciencia (o conocimiento) en valor para la sociedad. Este mundo basado fuertemente en la evolución tecnológica está en pleno proceso de desarrollo y en transformación exponencial, en velocidad incidencia en la vida de las personas, en la sociedad y en el mundo del trabajo a una escala sin precedentes en la historia humana.

La globalización, desde diversos ángulos, y no solo el económico, amenaza y desafía los sistemas nacionales de educación superior, desencadenando un proceso de

mercantilización que afecta y distorsiona la mayoría de las instituciones superiores, tanto en sus fines y propósitos como en su oferta educativa y forma de operación. La globalización trajo consigo una mutación civilizacional. No se trata de cambio puro y simple, sino mutación. Su génesis son fruto de las diversas revoluciones en los diversos ámbitos del saber por los que la humanidad ha pasado en las últimas décadas: revolución de la tecnociencia; revolución de la información; revolución biogenética; el cambio de la relación capital-trabajo. Este nuevo mundo no está listo, está en construcción.

Aquí se sitúa la urgencia de una nueva orientación educativa y pedagógica capaz de dar alma a la globalización y a las nuevas tecnologías, un rostro más humano. En este sentido, el futuro de las universidades jugará en su capacidad para dar la respuesta adecuada a una sociedad heterogénea y exigente en la formación de sus ciudadanos, que a su vez reclaman un sistema universitario de calidad, así como el derecho a la igualdad de oportunidades. Además, el futuro de las universidades dependerá de su opción en no abandonar una de sus misiones sustanciales, que es la de ser el escenario donde se desarrolla culturalmente una nación, incluyendo en la formación de su juventud valores y directrices éticas.

El comienzo del siglo XXI trajo consigo la reiteración de una vieja aspiración: la de que los complejos problemas económicos, políticos y culturales de las sociedades contemporáneas pueden ser resueltos a través de la educación, y de manera especial por las instituciones de educación superior. Por otra parte, tal vez esta aspiración sea una de las grandes paradojas del mundo contemporáneo y consista precisamente en que, en los tiempos de la globalización o de la internacionalización de casi todas las cosas, la educación permanezca como la última utopía, ética y civismo de las sociedades. Necesitamos urgentemente la educación entre todos, y esta discusión debe ser verdaderamente mundial. En esta discusión no es posible separar el conocimiento, la ética, el papel moralizador de cualquier sistema educativo y la política.

La Universidad: de la enseñanza a la investigación y a la innovación

A lo largo del tiempo las Universidades han evolucionado desde pequeños colegios de orientación religiosa, enfocados en la filosofía y la teología, hasta un abanico más amplio de ofertas formativas, con el objetivo de atender demandas por capacitaciones profesionales cada vez más específicas, y responder a las necesidades de una sociedad y economía mundial en constante desarrollo. Del mismo modo, la misión de la Universidad fue agregando nuevos propósitos, desde la enseñanza a la investigación que se expanden en una actuación directa en la sociedad por la extensión y, finalmente, en el proceso de desarrollo socioeconómico, por la innovación.

Algunos hitos son muy importantes en estas transiciones: el siglo XI, con la aparición de la Universidad en el oeste (Italia y Francia); el siglo XIX, con la emergencia de la investigación (Inglaterra y Alemania); el siglo XX, en la posguerra, con nuevo cambio radical en el papel de la Universidad: se rompe la imagen de la torre de marfil, distante de la sociedad, para que la Universidad se convierta en protagonista del proceso de desarrollo social y económico, insertándose en una amplia y compleja red de relaciones con otras instituciones y actores sociales. En pleno siglo XXI, soberanía y autonomía nacional son

sinónimo de dominio de la ciencia, la tecnología y la innovación. Y la universidad es el lugar donde sucede.

Las universidades, especialmente en la región latinoamericana, se enfrentan a enormes tensiones. Al mismo tiempo que buscan alcanzar metas e ideales humanistas, luchan por existir, sobrevivir y mantenerse útiles en un mundo práctico y complejo. Cuando la universidad es llamada a acercarse a la sociedad, saliendo de la torre de marfil, esas tensiones aumentan. Los desafíos se vuelven mucho mayores para la comunidad académica, tanto para los docentes e investigadores, como para los estudiantes, técnicos-administrativos y claramente para los gestores académicos. Y, en la región de América Latina, es esencial que la Universidad se mantenga socialmente referenciada, lo cual tiene impacto en todas las dimensiones de su actuación.

Uno de los mayores desafíos de las Universidades hoy en día implica la cuestión de la innovación y la contribución al desarrollo social y económico sostenible, lo que significa ampliar las condiciones para promover la innovación y realizar un acercamiento sistemático a los sectores productivos no académicos. Esto requiere instituciones que generen conocimiento a través de la investigación y que transfieran ese conocimiento a la sociedad, especialmente a las organizaciones y empresas públicas o privadas, pero también a los gobiernos y otros segmentos. La creación de un entorno propicio para que esto ocurra implica un fuerte papel del gobierno, por ejemplo en la legislación, creando y estabilizando un marco regulatorio que permita el proceso de traslación de los resultados de la investigación a las empresas. En particular para las instituciones públicas, el marco legal es un factor fundamental para que la transferencia de conocimientos se produzca y genere innovación en los diversos sectores.

Las universidades han pasado por dos grandes cambios desde su creación en el siglo XI en Europa (Universidad de Bolonia), que se centró en la transmisión de conocimientos de los profesores a los estudiantes, con su misión centrada en la enseñanza. El primer cambio significativo con respecto a su misión se produce en el siglo XIX, especialmente en Alemania, agregando la investigación como la segunda misión de la Universidad, además de la enseñanza, su primera misión, mientras que también emerge la extensión como desdoblamiento de la enseñanza e investigación. El segundo cambio significativo en la misión de las Universidades se inició en la segunda mitad del siglo XX. A partir de experiencias en Universidades como MIT, Stanford y Harvard, surge una tercera misión, económico y ambiental de la sociedad.

Esta nueva misión acerca a la Universidad de otras demandas de la sociedad donde se inserta y posiciona a la academia como un importante vector del desarrollo social, económico y ambiental. Desde entonces, la academia ha convivido con las tensiones generadas por el nuevo ambiente, involucrando su misión de enseñanza (primera misión), investigación (segunda misión, fruto de la primera revolución) e innovación (tercera misión, fruto de la segunda revolución).

Una educación basada en valores

La educación se hace siempre en la relación de personas. Por eso la importancia del diálogo -de la participación- y de una gran solidaridad humana. En su busca humanista, a través del legado de la centralidad de la persona y de su formación; *Dimensión comunitaria, a través de la sinergia de las diversas fuerzas y actuaciones, de los diversos ámbitos del saber que constituye la Universidad; acentuando en esta última las dimensiones de responsabilidad, solidaridad y competencia profesional. La universidad necesita ser el lugar donde se ventilan las cuestiones fundamentales que afectan a la persona y a la comunidad. En este sentido, la cultura universitaria debe estar basada en una concepción integral del ser humano: esta concepción implica que todo ser humano sea considerado el fundamento, el fin y el objeto de todas las instituciones en las cuales se expresa y se realiza la vida social. Mantener contacto con la realidad humana: la universidad está invitada a evitar dos extremos: limitarse a un trabajo cultural abstracto y puramente académico y dejarse absorber por problemas del momento que le harían perder la visión de conjunto del proceso histórico, la perspectiva que hace posible una comprensión más amplia de la racionalidad de las fuerzas de la naturaleza y la relación del orden social con el orden ético y los valores del espíritu.*

Las universidades deben estar atentas a mantener, o incluso recuperar su contribución civilizatoria desde la producción de conocimiento. Se trata de impulsar estrategias de reforma desde la plataforma del conocimiento y la educación, donde las universidades tienen un rol fundamental, aunque cada vez menos exclusivo. La universidad no pretende simplemente la producción de profesionales, sino la formación integral de hombres y mujeres que sean capaces de desarrollar sus respectivas actividades profesionales dentro de parámetros de auténtica excelencia humana. La velocidad con que las nuevas tecnologías se vuelven obsoletas impone la realización de acciones de cualificación y capacitación profesional con un fuerte componente de interdisciplinariedad en la formación.

La universidad es un espacio de producción e incremento del saber humano, de percepción y lectura crítica, de análisis, discusión, interpretación y evaluación. Es un espacio de articulación del saber con la vida a nivel individual y social, regional y universal. Es un espacio de transmisión orgánica y pedagógica del saber y de enriquecimiento del patrimonio cultural humano. Por lo tanto, preparación profesional, formación científica, búsqueda y transmisión de la verdad. Sin olvidar, sin embargo, la importancia de la gratuidad de la convivencia humana, por medio del cultivo de relaciones humanas de calidad.

Además de la formación profesional, la Universidad debe formar ciudadanos íntegros, que compartan valores globales (amor, compasión, solidaridad, responsabilidad ambiental y social), en un mundo en constante transformación.

Una reflexión sobre el tema

Así, corresponde a la Universidad asumir en plenitud las funciones inherentes a la gestión del conocimiento: la generación, el almacenamiento y su disponibilidad y transferencia. Para que el pensamiento y el conocimiento sobre una nueva institucionalidad

se conviertan en acción, el mundo de las universidades necesita alianzas y colaboración con diversas instancias y actores. De esta manera podemos continuar con la aspiración de hacer incidir el mundo de la educación superior en un proyecto global de desarrollo humano duradero o bien de concebir las universidades como vectores centrales de interconexión del espacio global. Es necesario sostener el carácter de bien público *de las universidades, como* destaca la Unesco en su "Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI" y otros documentos del mismo organismo.

En una época de globalización, donde la conectividad de las naciones resulta en un brusco cambio de direcciones, de políticas públicas y de escenarios económicos, es indispensable entender el papel del desarrollo local, siempre realizado con las características de sostenibilidad, por la sociedad del conocimiento.

Por lo que se refiere a las universidades católicas en este contexto, se espera el diálogo con las culturas, sobre todo de nuestro tiempo. Esto, a su vez, no es nada más que lo producido por y para el ser humano. Por lo tanto, como Católica, la Universidad asume su identidad, expresando su inspiración cristiana, no solo de sus dirigentes, sino de las orientaciones que asume ante la comunidad en su conjunto. Demanda un compromiso institucional al servicio de y en la sociedad y consecuentemente su comprensión de la vida.

La Conferencia Mundial sobre la Enseñanza Superior recuerda que la misión de las instituciones de Enseñanza Superior es educar, formar y realizar investigaciones y de manera particular contribuir al desarrollo sostenible y el mejoramiento de la sociedad en su conjunto. Se espera promover, generar y difundir conocimientos a través de la investigación y, como parte de su actividad de extensión a la comunidad, ofrecer asesoramiento relevante para ayudar a las sociedades en su desarrollo cultural, ambiental, social y económico, promoviendo y desarrollando la investigación científica y tecnológica, así como los estudios académicos en las ciencias sociales y humanas y la actividad curativa en las artes.

La relevancia de la educación superior debe ser evaluada en términos del ajuste entre lo que la sociedad espera de las instituciones y lo que ellas realizan. Esto requiere estándares éticos, imparcialidad política, capacidad crítica y al mismo tiempo una mejor articulación con los problemas de la sociedad y del mundo del trabajo, sobre la base de orientaciones, objetivos y necesidades sociales, incluyendo el respeto a las culturas y la protección del medio ambiente. La educación superior debe reforzar su papel de servicios extensivos a la sociedad, especialmente las actividades dirigidas a la eliminación de la pobreza, intolerancia, violencia, analfabetismo, hambre, deterioro del medio ambiente y enfermedades, principalmente a través de una perspectiva interdisciplinaria y transdisciplinaria para el análisis de los problemas y cuestiones planteadas.

Finalmente, la educación superior debe aspirar a la creación de una nueva sociedad no violenta y no opresiva, constituyéndose en individuos altamente motivados e íntegros, inspirados por el amor a la humanidad y guiados por la sabiduría y el sentido común. En este sentido, las Universidades Católicas, con su trayectoria milenaria como experta en *humanidad*, según el *Papa Pablo VI se convierten en la interlocutora por excelencia, asumiendo un papel relevante en el diálogo con las demás Instituciones que integran la gran red social que llamamos sociedad.*

El encuentro entre la propuesta del Evangelio y la pluralidad del saber expresado en la inmensidad de los campos del conocimiento, que se multiplican con el avance de los descubrimientos científicos y tecnológicos, exige el desafío de superar las relaciones egoístas del económico para comprometerse con la dimensión moral de una vida digna y plena, existente en todos los ámbitos del planeta, en la construcción de un mundo mejor.

La educación integral de la persona humana implica educar teniendo en cuenta las dimensiones física, afectiva, cognitiva, comunitaria, ético-valorativa y trascendental. En este sentido la educación se entiende como un proceso de humanización que modifica por completo al ser humano; una educación que abarque al hombre en todas sus dimensiones. No solo la intelectual, sino también la ética y la formación de la personalidad. No solo el individuo, cerrado en sí mismo, sino la persona, que dentro de una antropología cristiana es alguien abierta al mundo, al otro, a sí misma y a lo trascendente. Desde esta perspectiva, tenemos una universidad orientada a la educación del espíritu, a una reflexión sobre el sujeto, el ser humano abierto a la realidad e interpelado por la alteridad. En la universidad católica, la educación integral une el saber práctico al filosófico, buscando la excelencia académica a través de una reflexión crítica y actuación transformadora en el campo social. Hablamos de un saber comprometido. Los presupuestos de una Educación Integral están fundamentados en la existencia de verdades universales, parten de los fundamentos de un humanismo social-cristiano.

Concluyendo

Educar implica una actitud de escucha para escuchar el clamor que viene del otro. Señalar al alumno el camino que debe seguir. Reconducir los desafíos: estimular al alumno a un idealismo superior, superando sus propios retos y buscar formar para una ciudadanía consciente, fundamentada en valores globales, sembrando en el corazón de los jóvenes el amor al saber, la solidaridad y la esperanza.

En un mundo donde la complejidad es creciente y la velocidad de los cambios es exponencial, las universidades que vencerán los desafíos serán aquellas que reconocerán y honrarán sus fuerzas, respetando sus valores, mientras innovan con convicción. La tradición más importante que se construye hoy en las instituciones es la del cambio, manteniendo sintonía y atención a las nuevas demandas de la sociedad, de la cual la Universidad es parte, respetando los valores, la misión y la visión de futuro de la Institución.

Tradicionalmente las Universidades tienen una historia de cooperación y actuación en red, fruto de la conciencia de que el conocimiento realmente relevante y disruptivo no se produce aisladamente. Esto generó una cultura de trabajo entre pares, nacional e internacionalmente. Pero, hoy, necesitamos nuevos mecanismos e instrumentos transnacionales, generados con autonomía por organizaciones multilaterales. Que respeten las realidades regionales, que estimulen e induzcan la colaboración, siempre al servicio del desarrollo ambientalmente sostenible, simultáneamente en las dimensiones sociales y económicas, de toda la humanidad.

Como se destacó en la última Conferencia Mundial de Educación Superior de la UNESCO, celebrada en Barcelona en 2022, una de las tendencias más peligrosas de las últimas décadas es que existe un único modelo de Universidad que debe ser copiado por todos. Cada universidad debe desarrollar su propio modelo, basado en su trayectoria y misión. Los modelos estándar inducidos por rankings académicos o entidades globales no son adecuados ni deseados en un mundo multicéntrico y diverso.

En este sentido, las universidades deben actuar como ecosistemas de innovación y ciudadanía conectando personas, respetando sus tradiciones y valores, equilibrando lo local y lo global. Este equilibrio entre la tradición (representada por los valores institucionales y académicos) y la renovación (representada por las nuevas oportunidades y demandas de la sociedad) es el diferencial que las mejores universidades del futuro están construyendo hoy.

En conclusión, nuestras instituciones de educación superior deben poner su tradición y calidad al servicio de la renovación necesaria para atender el cumplimiento de su misión. Esto debe hacerse de manera coherente con sus principios y valores (misión, visión, marco referencial), implica la búsqueda constante de una nueva educación para una nueva sociedad, en sintonía con nuestro tiempo. ¡Y debemos hacerlo JUNTOS, como una comunidad!